

Revue Africaine des Sciences de l'Antiquité **SUNU XALAAT**

N° 4, Décembre 2024, p. 263-276.

Vozes femininas em *Balada De Amor Ao Vento* de Paulina Chiziane

EL Hadji Omar THIAM
Université Cheikh Anta Diop de Dakar
elhadji.thiam@ucad.edu.sn

et

Fatime SAMB
Université Cheikh Anta Diop de Dakar
fatime.samb@ucad.edu.sn

Resumo. Aqui analisamos as vozes das personagens femininas no romance *Balada de Amor ao Vento* da escritora mocambicana Paulina Chiziane que deita um olhar crítico sobre a sociedade tradicional do seu país sujeitando-a a profundas mudanças provindo da modernidade. Através das vozes das personagens femininas submissas e insubmissas, Paulina Chiziane denuncia o patriarcado enraizando-o num meio autêntico e harmonioso puramente mocambiçano onde cohabitam água e natureza verdejante. Esse meio romântico contrasta com a alienação da mulher.

Résumé. Nous nous proposons d'analyser les voix des personnages féminins dans *Balada de Amor ao Vento*, un roman de l'écrivaine mozambicaine Pauline Chiziane. Celle-ci y jette un regard critique sur la société traditionnelle mozambicaine en proie à des mutations profondes résultant de l'influence de la modernité. À travers les voix des personnages féminins soumis et insoumis, Pauline Chiziane remet en question le patriarcat ancré et campé dans un milieu authentique et harmonieux purement mozambicain où cohabitent cours d'eau et verdure. Ce milieu romantique contraste avec l'aliénation de la femme.

Abstract. We propose to analyse the voices of the female characters in *Balada de Amor ao Vento*, a novel by the Mozambican writer Pauline Chiziane. She takes a critical look at traditional Mozambican society in the grip of profound changes resulting from the influence of modernity. Through the voices of submissive and rebellious female characters, Pauline Chiziane questions the patriarchy anchored and camped in an authentic and harmonious purely Mozambican environment where waterways and greenery coexist. This romantic environment contrasts with the alienation of women.

Palavras-chave: Vozes femininas, Patriarcado, Tradição, Modernidade, Casamento.

Mots-clés : Voix féminines, Patriarcat, Tradition, Modernité, Mariage.

Keywords: Female Voices, Patriarchy, Tradition, Marriage

Introduction

O nosso interesse pelos estudos femininos leva-nos a revisitar a obra de Paulina Chiziane, uma escritora valiosa pela ousadia no esforço de reconciliar tradição e modernidade e na abordagem da evolução lenta e dolorosa da condição da mulher moçambicana. Importa antes de mais nada lembrar que Paulina Chiziane, nascida a 4 de junho de 1955 em Manjacaze, Moçambique, granjeou uma enorme fama na literatura africana pós-independência de língua portuguesa por ter recebido o prémio Camões em 2021. Além de ser a primeira mulher negra a publicar um romance em Moçambique, ela é também considerada como uma das escritoras mais promissoras, recebendo, *Ex-aequo*, o “Prémio José Craveirinha de literatura”, em 2003, pelo romance *Niketche – uma história de poligamia* (2002), ao lado de Mia Couto. Enraizando a sua obra nos costumes moçambicanos e contando histórias de mulheres, Paulina Chiziane cria heroínas em busca de uma nova identidade em harmonia com o meio social onde ela nasceu e cresceu com os valores ocidentais que descobriu desde cedo numa escola primária católica.

Balada de amor ao vento (1990) de Paulina Chiziane conta as peripécias da vida de um “eu feminino” numa sociedade africana patriarcal e poligâmica localizada na aldeia de Mambone em Moçambique. Além disso, descrições pungentes da floresta e do rio Save abundam no romance e acompanham a evolução da narradora-personagem Sarnau.

O nosso assunto que incide sobre a representação das vozes femininas levanta duas questões relevantes. A primeira, centrada nas vozes submissas, tenta evidenciar práticas culturais e estruturas patriarcais que mantêm as mulheres como Sarnau e as mulheres mais velhas na dependência do marido. A segunda que diz respeito às atitudes subversivas da personagem de Sarnau e de Sumbi foca-se na volta à liberdade infantil passada na aldeia de Mambone ; incide sobretudo na afirmação da identidade feminina através do direito de escolher um homem sem interferência social e sem inepedência económica face ao sistema patriarcal.

A metodologia que poremos em aplicação basea-se na análise de trechos do romance em estudo e nas considerações sociológicas desenvolvidas pelas moçambicanas Conceição Osório e Yolanda Sithoe.

1. A voz das mulheres submissas

Em *Balada de amor ao vento* notam-se e ouvem-se vozes femininas seguidoras das normas ancestrais e patriarcais. Correspondem às mulheres que “não têm voz”, num contexto social em que elas são submissas e oprimidas pelo masculino.

Faz-se alusão às mulheres dóceis, obedientes que não reclamam da situação de subjugação em que se encontram e fazem tudo para integrar atitudes de uma “boa mulher”. Eles aceitam partilhar o marido, ser enganadas e estão mentalmente preparadas para engolir a infidelidade deste mas também preparam as recém-casadas para aceitar esta situação conforme a passagem seguinte da obra :

Conselhos loucos me furam os tímpanos e interrompem os meus sonhos, Sarnau, ama o teu homem com todo o coração. A partir do momento em que te casas pertences a um só rei até ao fim dos teus dias. As atitudes dos homens, os seus caprichos, são mais inofensivos que os efeitos das ondas no mar calmo. Não liguês importância às amantes que tem; respeita as concubinas do teu senhor, elas serão tuas irmãs mais nova e todas se unirão à volta do mesmo amor. Sarnau, ama o teu homem com todo o coração (CHIZIANE, 1990, p. 44).

São vozes caladas que só têm o direito à palavra quando se trata de dar conselhos a outras mulheres e fazer tudo para que se mantenham vivas as práticas culturais prejudiciais às mulheres sobretudo às mais jovens.

Por meio das vozes das mulheres mais idosas guardiãs dos valores tradicionais e culturais, a autora denuncia vivências de muitas mulheres e os abusos sofridos por elas: “*As vozes trovejantes e arrogantes dos velhos fizeram-se ouvir. Criticaram, condenaram, aconselharam com tanto furor que excedia o desejável.*” (CHIZIANE, 1990, p. 66)

Trata-se de uma geração de mulheres que trabalham no sentido de manter os valores locais e o pensamento popular a favor do homem. Para elas, o homem é um ser superior e merece o respeito e cuidado “*As minhas mães, tias, avós, fecharam-me há uma semana nesta palhota tão quente e dizem que me preparam para o matrimónio* » (CHIZIANE, 1990, p 44)

Chiziane escreve fazendo reflexões sobre o papel destas mulheres que continuam prejudicando outras tornando-as as principais vítimas da sociedade; mas fá-lo pensando em outras regras que vão revolucionar os moldes da vida comunitária. Em várias situações e em lugares sociais distintos, a família, sogras, mães ou tias , todas veiculam e mantêm vivos alguns mecanismos opressores.

Entre essas práticas prejudiciais, podemos citar a poligamia que, em seu sentido comum, é o fato de um homem poder casar-se com duas ou mais mulheres e faz parte das temáticas mais relevantes e transversais no romance de Chiziane *Balada de Amor ao Vento*. Nele são retratados os destinos de mulheres, Sarnau e Phati e de várias outras mulheres, vítimas de injustiças decorrentes da poligamia quando é mal praticada ; sofrem também o adultério.

Num país como Moçambique, bem conhecido como ponto de encontro de várias religiões, povos e línguas, é primordial esclarecer que esta prática foi discutida e continua a ser objeto de várias discussões. Foi neste âmbito que sociólogos como Arthur (2004, 2009, 2011); Osório (2006, 2013), Sithoe (2009) examinaram as bases e os alicerces da prática da poligamia, as suas imposições, as suas vinculações com a tradição, a cultura e o patriarcalismo.

Foi comprovado que a poligamia é uma dinâmica instituída pela tradição e faz parte das ocorrências mantidas vivas e socialmente aceitas pelas moçambicanas. A este propósito, Yolanda Sithoe sustenta que as mulheres desconhecem:

...os seus direitos como ser humano, e que, tal como o homem, pode e deve decidir sobre a sua vida, sobre aquilo que é importante para si e para a sua família. Embora não goste e se sinta infeliz, ela é sujeita, em nome dessa tradição, a ter que conviver com duas ou mais mulheres no mesmo quintal (SITHOE, 2009, p. 3)¹.

As experiências específicas vividas por Sarnau em *Balada de amor ao vento* mostram as injustiças resultantes da poligamia mal praticada. De fato, Sarnau, mulher lobolada e legítima de Nguila, o príncipe ao trono dos Zaculas, parecia não ter alternativa senão aceitar que o marido lidasse com outras mulheres. Paradoxalmente, no romance, a poligamia é aceite pelas mulheres mais idosas que se vêem obrigadas a preparar as mais jovens para partilharem os seus maridos com outras e enfrentarem o sofrimento decorrente deste compartilhamento:

As minhas mães, tias, avós, fecharam-me há uma semana nesta palhota tão quente e dizem que me preparam para o matrimónio. Falam do amor com os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam do homem pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos, Sarnau fecha a tua boca, esconde o teu sofrimento quando o homem dormir com a tua irmã mais

¹. Yolanda Sithoe « *Poligamia ; tudo em nome da tradição* », Publicado em “Outras Vozes”, nº 26, Março de 2009, disponível em <https://www.wlsa.org.mz/artigo/poligamia-tudo-em-nome-da-tradição/>

nova mesmo na tua presença, fecha os olhos e não chores porque o homem não foi feito para uma só mulher (CHIZIANE, 1990, p 44).

Sarnau vai questionar os princípios e fundamentos da poligamia sobretudo quando constitui para o homem um ensejo para demonstrar a sua masculinidade, seus atributos e salientar suas preferências, considerando umas mulheres mais importantes e especiais do que outras. Chiziane, a partir do comportamento de Nguila, denuncia o comportamento machista:

O meu marido e essa mulher meteram-se de novo no quarto, e ela falava tão alto só para eu ouvir. Aquela voz dilacerava-me, esquartejava-me, apagava o pouco calor que restava no meu coração, ah, eu sou o vento frio que gela as sementes [...]Passei a noite com a rainha. O rei foi dormir com a sua mulher mais querida, essa libertina de nome Mayi, que o rei defende com unhas e dentes chegando ao ponto de matar a quinta esposa por esta ter divulgado em público as levandades da sua amada. (CHIZIANE, 1990, p. 56-57)

O trecho acima referido deixa ver que no romance, além de Sarnau, a rainha também estava num casamento poligâmico. Sarnau e a sogra eram mulheres legítimas, loboladas mas trocadas, magoadas, abandonadas e sozinhas no início do texto. Assim a prática da poligamia representa um poder para o homem e significa competição, rivalidade, ódio, desesperança e sofrimento para a mulher. É importante salientar também que além destas consequências nocivas para a mulher, a poligamia comporta alguns pontos positivos quando se trata do bem-estar das crianças. Após o abandono do marido, Sarnau deita um olhar crítico sobre a poligamia, olhar que merece uma atenção particular:

A poligamia tem todos os males, lá isso é verdade, as mulheres disputam pela posse do homem, matam-se, enfeitçam-se, não chegam a conhecer o prazer do amor, mas tem uma coisa maravilhosa: não há filhos bastardos nem crianças sozinhas na rua. Todos têm um nome, um lar, uma família . Não há nada mais belo neste mundo que um lar para cada criança. Por um lado, prefiro a poligamia , mas não, a poligamia é amarga. Ter o marido por turnos dormindo aqui e ali, noite lá, outra acolá, e, quando chega o meio-dia e prova a comida da mulher de quem não gosta diz logo que não tem sal, que não tem gosto. Quando à noite a mulher reclama, diz que a cama cheira a urina de bebé, e lá se vai furtando aos seus deveres . Com a poligamia, com a monogamia ou mesmo solitária, a vida da mulher é sempre dura (CHIZIANE, 1990, p. 137).

Falando da poligamia de dentro, a narradora foca-se primeiramente, na concorrência entre esposas para a posse do marido, concorrência que origina violências físicas e verbais; secundamente, põe o acento sobre a recorrência às forças ocultas e malvadas para destruir a concubina e também impedir a mobilidade do marido o que, na verdade, é factor de desequilíbrio sentimental e matrimonial. Aliás, a autora vê na poligamia uma solução ao fenómeno dos meninos da rua que crescem sem pai para os sustentar, uma responsabilidade

social assumida publicamente pelo homem que deveria conferir à mulher um estatuto oficial e respeitado. Em suma, a narradora insiste mais no sofrimento da mulher do que na poligamia ou na monogamia. Este sofrimento deriva em grande parte do patriarcalismo que infantiliza a mulher, seja casada ou solteira. Para ela, a insubmissão ao sistema masculino constitui um pilar na construção do edifício da felicidade e da liberdade da mulher.

Quanto ao lobolo, ele constitui uma prática cultural para que a mulher se torne uma esposa legítima. Mas, nota-se que Sarnau não aproveitou esta riqueza “*Que estas vacas lobolem mais almas, que aumentem o número da nossa família, que tragam esposas para este lar, de modo que nunca falte água, nem milho, nem lume.* » (p. 37). Por isso, Alexandre Junod explicita que o lobolo era uma forma de compensação para a família da noiva e, também, uma aliança entre as duas famílias, um contrato entre dois grupos, a família do esposo e a da esposa. Isso confere ao casamento um caráter coletivo (SAMB, 2021, p. 187).

Quer dizer, trata-se de uma relação de reciprocidade a qual envolve todo um grupo social. Além do seu caráter cultural, o lobolo pode ser julgado comercial, porque o casamento constitui uma instituição importante possibilitadora da garantia da produção agrícola e da geração da descendência (BOSERUP, 1970).

O lobolo era pago, antigamente, em gado e cestos, mas ao longo do tempo essa forma de pagamento mudou, passando a acontecer em dinheiro, pulseiras, brincos ou produtos europeus (SAMB, 2016). Isso justifica a referência às 36 vacas entregues por Nguila para se casar com Sarnau. E a família de Nguila dando o lobolo à família de Sarnau disse: “*Sarnau, eis nos teus olhos o teu preço.*” (CHIZIANE, 1990, p. 38) uma frase que frustra a própria Sarnau: “- *Meu pai, minha mãe, meus avós e todos os defuntos. Aceitai esta oferta, esta humilhação, que é o testemunho da minha partida.*” (CHIZIANE, p. 39).

Além disso, há vozes femininas que criticam o abandono e o adultério. Estes são igualmente temáticas transversais na obra de Chiziane e fazem parte das consequências negativas da poligamia. Algumas mulheres do romance foram vítimas de abandono e outras abandonaram o seu companheiro. Pois é crucial salientar que os homens também foram abandonados por suas mulheres na procura de melhores condições de vida ou na procura de liberdade. Com efeito, Nguila, o rei de Zacula abandonou temporariamente a primeira mulher Sarnau e as demais mulheres para ficar com Phati e por isso essa última foi rotulada de feiticeira. Ele teve sete mulheres mas preferiu

ficar com a quinta, Phati, uma mulher do norte que tinha todos os atributos para ser a preferida. Também Mwando tem abandonado várias vezes Sarnau, primeiro quando eram jovens e segundo depois de terem fugido para escapar ao Nguila.

Na obra, Chiziane mostra as dificuldades sociais e psicológicas geradas pelo abandono através do monólogo de Sarnau: *“Sinto-me tão só e abandonada. Ainda há quem inveje a minha posição, pois dizem que sou rainha, mas que grande decepção. De que vale usar braceletes de ouro, capulanas de luxo, ornamentar-me como um pavão, quando nem sequer tenho ar para respirar?”* (CHIZIANE, 1990, p. 72).

Assim, assistiu-se a mudanças no comportamento das mulheres que apesar de serem abandonadas optam pelo silêncio e submissão e quando são vítimas de adultério por parte do marido ficam a chorar e a se lamentar. Através das personagens de Sarnau e Sumbi, Chiziane quer revelar que as mulheres são capazes de pagar aos homens na mesma moeda, fazendo-os sofrer e tornando-os fracos e desprovidos de força. Foi o caso de Mwando que :

...chorava lágrimas de sangue, pois sabia que não voltaria a reaver o seu tesouro. Sumbi, a mulher que o abandonara, é de uma beleza indescritível, agressiva. Ao vê-la, qualquer homem pára e suspira embasbacado, numa reacção quase espontânea, rendendo homenagem à perfeição em movimento. As mulheres, por sua vez, sentiam naquela presença um caso de injustiça divina, pois Deus deserdera de encantos todas as outras para concentrá-los numa só. Os homens não choram, ensinam os pais aos filhos. Mwando é homem e chora, mas com razão (CHIZIANE, 1990, p. 59-60).

Na narrativa, a autor mostra a complexidade das mulheres com suas agendas, temores, estratégias, escolhas, certezas, incertezas, hesitações e contradições. Esta última palavra é portada por vozes insubmissas que merecem uma análise particular.

2 Voz das mulheres insubmissas

Além dessas vozes submissas, existem, na obra, outras vozes mas desta vez que falam, reclamam e lutam. São relacionadas com as personagens de Sumbi e Sarnau mas igualmente com o rio Save e a natureza, e essas vozes abarcam preocupações culturais e sociais. Basta que analisemos três trechos ilustrativos.

Em primeiro lugar, pode-se notar, no início do primeiro capítulo, uma velha recordando a sua infância na primeira pessoa:

Tenho saudades do meu Save, das águas azul-esverdeadas do seu rio. Tenho saudades do verde canavial balançando ao vento, dos campos de mil cores e harmonia, das mangueiras, dos cajueiros e palmares. Quem me dera voltar aos matagais da minha infância, galgar as árvores centenárias como os gala-galas e comer frutas silvestres na frescura e liberdade da planície verde.

Foi em Mambone, saudosa terra residente nas margens do rio Save, que aprendi a amar a vida e os homens (CHIZIANE, 1990, p. 11)

Aqui, o paradoxo entre passado e presente ou entre vida na aldeia e vida na cidade, está patente. O passado refere-se ao reino da infância da narradora, reino cheio de elementos da natureza (“verde canavial”, “mangueiras”, “os cajueiros” e “palmares”, “árvores centenárias”) indicando ao leitor a exuberância da floresta moçambicana que serve de espaço narrativo. Quanto ao presente, está ligado ao ato de rememoração da narradora, isto é, o reviver dos acontecimentos remotos como se se desenrolassem hoje diante dela. Também o presente mostra que ela continua a armazenar no espírito e no coração as doces raízes da infância e morre de saudades de as reencontrar em momentos de tormento. Neste quadro puro e romântico, o rio Save é entendido como um lugar pertencendo à narradora (“meu Save”). Isso pode ter um duplo sentido. Primeiro, o Save é testemunha ocular de todas as peripécias da infância da narradora. A pureza das águas assemelha-se à da narradora então jovem, inocente e livre. Além disso, o Save proporciona à narradora valores de mulher africana tradicional tais como a generosidade, a submissão e a fertilidade.

Em segundo lugar, repara-se a presença do Save na cena do encontro carnal entre a narradora e o amante Mwanda. Ela aproveita a sua entrada na vida adulta para valorizar o acompanhamento do Save na descoberta do sexo masculino:

A maçã era ainda verde, por isso arrepiante. Trincámos um pouco e não me pareceu muito agradável; senti o doce-amargo das pevides e polpa e, lá do meu fundo, correu um fio de sangue, que as águas do Save lavaram.

Mwanda deu o primeiro golpe. Os nossos sangues uniram-se. Neste momento, os defuntos que estão no fundo do mar festejam, porque eu hoje sou mulher.

- Sarnau, o nosso amor é o mais belo do mundo.

- Sim, mais verde que todos os campos, maior que todas as águas do Save e do oceano

(CHIZIANE, 1990, p. 25)

Aqui, a metáfora da maçã ligada ao corpo da narradora Sarnau veicula em filigrana uma concepção da tentação que se inspira no episódio bíblico do Pecado Original. Com a defloração, o corpo de Sarnau encontra-se sujado e

corrompido. De facto, o Save vai se tornar um mito² na consciência feminina popular pelo fato de ser um espaço ocupado pelos mortos que ainda dialogam com os vivos. A partir desse espaço, os mortos celebram a virgindade de Sarnau, um valor feminino na sociedade tradicional representada por Paulina Chiziane. A submissão desta personagem ao valor da virgindade e ao milagre da purificação pela água do Save mostra em geral a dominação de que a mulher moçambicana era vítima, dominação enraizada em considerações religiosas e culturais.

Em terceiro lugar, destacamos, no oitavo capítulo, uma cena em que Sarnau, casada com um homem polígamo, solta um grito de amargura e refugia-se nos milagres do rio Save:

Entrego as crianças à macaiaia, vou à palhota e bebo um pouco de aguardente. Não, já não aguento. Tudo nesta casa me deixa louca. Arrasto o corpo emagrecido pela angústia até ao rio. Mergulho os pés nas águas frescas, ah, mas como me reanima esta água. Estendo a capulana, deito-me, o murmúrio das águas acalenta-me e navego serena nas águas verde-azuis (CHIZIANE, 1990, p. 71).

Vivendo num estado matrimonial difícil, Sarnau tem nas mãos duas gémeas com dois anos de idade a disputar e a gritar sempre. Para as educar, a mãe usa a violência física. Esta pode ser entendida como uma reprodução da violência do marido, violência que ela chama abandono ou insatisfação sexual resultando de práticas tradicionais. É importante dizer na sociedade tradicional e patriarcal, a mulher em estado de gravidez adiantada ou de amamentação, torna-se impura. Por conseguinte, o marido deve se afastar até ela reencontrar a fertilidade necessária à germinação das sementes masculinas. Perante esta alienação feminina, Sarnau denuncia: “*Estas criaturas já completaram dois anos e o pai delas nunca mais tocou desde os sete meses de gravidez. Como é que uma mulher jovem pode aguentar-se, alimentando-se somente com arroz, milho e mandioca*” (CHIZIANE, 1990, p. 71).

Sentindo-se incapaz de mudar a sua situação, Sarnau procura alívio e reconforto nos milagres do Save. Um destes é o regresso à vida imaculada através do lava-pés, sinónimo de purificação. Na religião cristã a que se converteu Sarnau, o ritual do lava-pés significa regresso à pureza original e submissão à palavra do Cristo no caminho da Verdade.

² - « O mito, além de apontar para as origens insondáveis, dá-nos uma concepção do mundo, uma evidência que prejudica seriamente a explicação, uma realidade cultural entre as diferentes realidades culturais das realizações humanas.” Maria Manuela Sobrinho, *Dom Juan e o donjuanismo*, Lisboa, Fonte da Palavra, 2010, p. 16-17.

Em suma, o Save é como um colete salva-vida para a personagem de Sarnau. Pauline Chiziane enraiza a sua narrativa no espaço moçambicano para desvendar o sincretismo entre tradição e cristianismo.

Por meio do papel desempenhado por Sarnau, personagem principal do livro, Chiziane encoraja as mulheres a se oporem à pressão e à opressão. Ao longo do romance, a narradora Sarnau permanece lúcida e, especialmente, vigilante em relação às ondas de desespero e às lágrimas de decepção. Ela pensa na reorganização da sua vida, assumindo a ruptura clara com a sua antiga existência. Ao se libertar da tutela do seu marido, Sarnau manifesta o desejo ardente de ficar definitivamente com Mwando mas estabelece condições:

Mwando, paga-me, paga-me, paga-me!

- Sarnau, minha Sarnau, os homens fizeram-te puta.
- Tu fizeste mais do que todos os outros. Raptaste-me do meu mundo e traíste-me. Lutei sozinha, juntei dinheiro para comprar as trinta e seis vacas do meu lobolo e devolver ao Nguila, meu primeiro marido.
- Pobre querida .. Fui culpado de todo o teu sofrimento.
- Deixa-me dizer-te. Percorri mundos, fui usada e abusada, meu sexo era máquina de fabricar dinheiro.(...) Repara bem nas minhas coxas: minhas belas tatuagens confundem-se com as cicatrizes de uma doença complicada que apanhei por aí. Como vivo eu agora? Vendo no mercado, vendendo também o coração, as lágrimas, e tudo o que tinha de mais sagrado já vendi para sobreviver. (...)
- Sim, o problema está resolvido, o meu marido casou, se com a minha irmã e são tão felizes como nunca imaginei que pudesse acontecer.
- Sarnau, tem piedade de mim. Deus deu-me já o castigo merecido. Pelos nossos filhos, imploro-te perdão, Sarnau (CHIZIANE, 1990, p. 144-145).

Na longa conversa acima referida, Sarnau revela a Mwando, de maneira implícita, que ela tinha crescido física e mentalmente ao recusar de se entregar a ele de novo sem casamento. Para ela, a única maneira para se libertar da prisão do *lobolo* era derrubar os valores tradicionais, entre os quais destacam-se a dependência da mulher, o carácter insolúvel do casamento e a virtude do sofrimento feminino. Visto que a mulher não tem preço, para Sarnau o único meio para chamar a atenção do Mwando era pedir algo, um valor que ele não podia dar. De facto, ele se encontra em situação de fraqueza assumindo pela primeira vez a sua irresponsabilidade e denunciando a prostituição. A prostituição dela pode ser assimilada a um meio para chegar à emancipação e para se vingar da sociedade moçambicana que lhe talhou este destino. Procurando doravante traçar o seu próprio destino, Sarnau clama a liberdade de escolher um homem, a independência financeira e o direito à felicidade:

E eu preciso de um homem, e deste homem que está aqui ao meu lado. Venceu-me. Atacou-me com a arma que extermina todas as fêmeas do mundo. Colocou-se ao lado dos filhos, fez a guerra e venceu. Viverá comigo. Tenho casa, tenho negócio, tenho dinheiro. Hei-de alimentá-lo. Não será fácil para ele arranjar um posto de trabalho nesta terra. Embora vencida, ainda me resta o orgulho, mas orgulho de quê? O orgulho cega-me e destrói-me, preciso de ser feliz, estou vencida e perdida (CHIZIANE, 1990, p. 149).

Aqui, Sarnau encara uma nova vida com um homem a acompanhá-lo na educação dos filhos e enchê-lo de um amor exclusivo. Nisso se vê em filigrana a apologia da família moderna, justa e equilibrada que poderá assegurar satisfação fisiológica, independência financeira e bem-estar dos filhos. Mas é impossível construir esta nova família sem a própria identidade da mulher, identidade definida por ela e alicerçada antes de mais na sua existência social, cultural e económica. A palavra “orgulho” repetida por Sarnau aponta para o direito de existir da mulher não só na família mas também na sociedade moçambicana.

A voz da narradora Sarnau é assim uma voz feminina dentro de um universo patriarcal. A voz da autora mescla-se com a de Sarnau e a de Sumbi. Todavia a voz de Sarnau é a voz mais eficaz, pois a sua intensidade ecoa em todas as direções. Esta voz que começa a falar e hesitar acaba por reclamar, lamentar e gritar. Ela tem como objetivo desafiar e consciencializar o seu público, pela diversidade e intensidade dos seus argumentos. Com o uso do “eu” poético, a voz da protagonista Sarnau apresenta-se como uma performance de voz que carrega a formulação de um pensamento particular e popular das mulheres ao mesmo tempo.

Além da voz da personagem principal surge no romance uma outra voz feminina imsubmissa que é a de Sumbi, uma mulher do norte, oriunda de uma sociedade matriarcal. Uma voz que vem opor-se aos princípios e mecanismos das iniciações tradicionais e patriarcais. Mulher emancipada e autónoma, Sumbi nunca aceitou ser um lugar de ensaios de sofrimento, de angústia, de humilhação e de submissão conforme a passagem seguinte: “*No primeiro dia da vida conjugal, a Sumbi não cumpriu com as regras. Simulando dores de cabeça, não pilou nem cozinhou para os sogros. Sentava-se na cadeira como os homens, recusando o seu lugar na esteira ao lado das sogras e das cunhadas.*” (CHIZIANE, 1990; p. 61)

Quando se tratou de repensar a sua vida, a voz de Sumbi foi sem hesitação, sem dúvida e sem medo. Tornou-se “*tirana*” (p.62) e não se deixou atrapalhar pela repressão verbal e social. De fato, foi considerada como uma mulher “*preguiçosa*” e “*libertina*” (p. 63). Com a atitude libertadora de Sumbi que abandonou o marido e se libertou deste casamento sem amor

apesar de ser um casamento monogâmico, Sumbi parece abrir caminho para as mulheres moçambicanas.

Assim, Paulina Chiziane serve-se de tantas vozes e da mediação destas de maneira transversal no texto para formar uma voz coletiva. Estabelece uma atmosfera para que todas essas vozes se sobreponham num efeito de presença e ausência e através de várias histórias populares que refletem a realidade social a fim de se confundir em uma na proposta de soluções.

Conclusão

O nosso tema permite-nos não só analisar a questão das vozes femininas em *Balada de amor ao vento* de Pauline Chiziane mas também ligar este romance às realidades sociais moçambicanas. As vozes femininas deixam entender dois estatutos de mulher tiranizada pelo sistema patriarcal: as vozes de mulheres submissas e as vozes de mulheres insubmissas. As primeiras estão sumidas numa gritaria masculina sem trégua. As segundas conseguem furar os ouvidos da sociedade masculina através da denúncia dos costumes, da tomada de consciência da mulher sobre as injustiças e da necessidade de reforçar e proteger a verdadeira família enquanto único espaço capaz de assegurar o equilíbrio e o bem-estar tanto do homem como da mulher.

Além disso, Paulina Chiziane aposta na educação das mulheres para eradicar as alienações no casamento e sobretudo no trabalho e para lutar contra a dependência que as coloca sob a tutela do pai ou do marido.

Com a sua sensibilidade de mãe, Paulina Chiziane descreve o casamento, o adultério e o abandono de dentro, dando a palavra às mulheres vítimas. Esta técnica que se aproxima da reportagem jornalística permite à escritora manter a objetividade e convidar o leitor a descobrir as mulheres e o seu universo. Sem pretender indicar um modelo matrimonial, a nobelista mostra ao mesmo tempo as faces positivas e negativas da poligamia e da monogamia com o objetivo de dizer que a felicidade da mulher é antes de mais uma questão de direito à escolha, de liberdade de pensamento e acção e de identidade construída por ela e despejada do fardo do patriarcalismo.

Referências bibliográficas

- BOSERUP, Ester, 1971, *The Economics of Polygamy. Women's Role in Economic Development*. Caliban, Allen and Unwin.
- CHIZIANE Paulina, 1990, *Balada de amor ao vento*, Lisboa, Caminho.

SCIENCES DU LANGAGE, LITTÉRATURES ET ARTS

Vozes femininas em *Balada De Amor Ao Vento* de Paulina Chiziane

- OSÓRIO, Conceição, 2006, “Identidades sociais/identidades sexuais: uma análise de gênero”. In *Outras Vozes*, n° 17, novembro, Maputo.
- OSÓRIO, Conceição, 2006, “Sociedade matrilinear em Nampula: estamos a falar do passado?” In *Outras Vozes*, n° 16, junho, Maputo.
- OSÓRIO, Conceição, 2013, “Identidades de gênero e identidades sexuais no contexto dos ritos de iniciação no Centro e no Norte de Moçambique”. In *Outras Vozes*, n° 29, Maputo.
- SAMB, Fatime, 2021, “*A mulher moçambicana e as práticas culturais*” In *Encontros com Moçambique*, Bahia, APPRIS.
- SAMB, Fatime, 2021, *A condição da mulher entre ficção e realidade. Uma leitura de une si longue lettre, de Mariama Bâ e de Nkette-uma história de poligamia, de Paulina Chiziane*, Bahia, APPRIS.
- SITHOE, Yolanda, 2009, « *Poligamia ; tudo em nome da tradição* », Publicado em *Outras Vozes*, n° 26, Março, disponível em <https://www.wlsa.org.mz/artigo/poligamia-tudo-em-nome-da-tradição/>
- SOBRINHO, Maria Manuela, 2010, *Dom Juan e o donjuanismo*, Lisboa, Fonte da Palavra.